**- *A* *PALAVRA, Refletida* ao ritmo Litúrgico -**

*(Ciclo A – Solenidade - SS. CORPO E SANGUE DE CRISTO)*



**«CORPO DE DEUS». Isso mesmo!**

 O *Povo de Deus* – se for mesmo isso! – sempre tem razão. Claro que, na realidade essencial, este Sacramento Eucarístico é constituído pelo Corpo (Carne) e pelo Sangue do Nosso Senhor Jesus Cristo, pois foi Ele, a *segunda Pessoa* da Trindade, quem se *encarnou*. Mas não é menos verdade que, por tal facto, o Corpo de Cristo é, *“per se”* e ao mesmo tempo, o “Corpo de Deus”. Porém, só a ousadia singela nascida da fé simples e humilde do Povo fiel, é capaz de pôr estes nomes “radicais e castiços” para, por vezes, *denominar* os Mistérios mais Sublimes. E, neste caso, é mesmo isso: O CORPO DE DEUS!

 E assim, entramos já na *Palavra* da Solenidade deste dia, para aprofundarmos nesta “intuição” do Povo, que tinha sido, por sua vez, “invenção e criação” de Cristo Jesus, naquele Seu momento histórico… E, desde logo, Ele não encontrou naquela altura um “signo” melhor – ao mesmo tempo *símbolo* e *realidade* – para *significar* o valor e o sentido deste Sacramento, do que o *alimento corporal*, através das “espécies materiais” do pão e do vinho. É o próprio Jesus (no Evangelho de hoje) quem o declara sem lugar a dúvidas: *“«A minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e Eu nele»”.* E ao compará-lo com “o maná” (de que também fala a primeira leitura, em *Dt*) e que era chamado «pão do céu», Jesus ultrapassa e transcende o seu valor e sentido: *“Este é o pão que desceu do Céu; não é como aquele (“maná”) que os vossos pais comeram, e morreram; quem comer deste pão viverá eternamente»”…* E a transcendência deste novo e definitivo Alimento fica bem assente: *“«Eu sou o pão vivo descido do Céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão que Eu hei de dar é a minha carne, que Eu darei pela vida do mundo»”… (Jo 6 / 3ª L.).*

 No mundo natural, biológico, a melhor maneira de transformar uma matéria em outra – desde que ela seja *comestível* – é ser comida, “devorada”, pela outra. Já que, uma vez digerida e assimilada, passa a ser a sua mesma matéria, fica transformada na sua própria “substância”. (Até na linguagem vulgar, quando alguém gosta muito doutra pessoa – pensemos num casal apaixonado, ou numa mamã e o seu bebé – é comum dizer: “Vou-te comer!»).Claro que se isto é verdade numa dimensão meramente material e física, quanto mais o será na dimensão espiritual e mística!Isto quer dizer que, neste Mistério, é preciso, antes de mais, ir além da matéria e ultrapassar o esquema natural, porque o ser humano tem uma outra dimensão que conecta diretamente com a Divindade. *“O Senhor teu Deus… deu-te a comer o maná que não conhecias nem teus pais haviam conhecido, para te fazer compreender que o homem não vive só de pão, mas de toda a palavra que sai da boca do Senhor”…(Dt 8 / 1ª L.).* E foi exatamente este o *texto bíblico* que utilizou Jesus para vencer aquela tentação de “gula” material que *satanás* Lhe apresentou quando sentiu fome naquele deserto. (Mt 4, 3-4).

 E assim compreende-se melhor o motivo de Jesus, que conhecia como ninguém a essência das coisas e a transcendência do espírito, “inventou e criou”, como dizíamos anteriormente, este Sacramento Eucarístico, cuja misteriosa realidade temos de aceitar a nível de fé, por quanto os sentidos, neste mundo espácio-temporal, apenas nos fornecem *aparências* e *acidentes* daquilo que continua a ser um Mistério. Por isso nós, hoje, vinte séculos volvidos, entendemos e até desculpamos (?) a reação daqueles judeus e de alguns dos discípulos, que escutaram pela primeira vez aquelas *“duras palavras, insuportáveis”.* É o que lemos noutra parte do Evangelho de hoje: *“Os judeus discutiam entre si: «Como pode Ele dar-nos a sua carne a comer?». Jesus disse-lhes: «Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós”…(Jo 6).*

 Não se trata, então, de compreender o que é incompreensível… Mas é só questão de fé e humildade, para aceitar e assumir aquilo que é *o Alimento necessário* para o nosso espírito, tal como é o pão para o corpo. Se não, *“não teremos a vida em nós”*, a Vida do espírito, evidentemente! Uma Vida que, pelo mesmo e único Alimento (o «Corpo de Deus»!), gera a verdadeira união – *“com-unhão”* – entre todos nós. Paulo o tinha bem claro: …*“Visto que há um só pão, nós, embora sejamos muitos, formamos um só corpo, porque participamos do mesmo pão”. (1 Cor 10 / 2ª L.).*

Que a nossa Jerusalém Te glorifique, Senhor!

A Jerusalém dos nossos pais e antepassados,

a Jerusalém dos nossos catequistas e educadores…

Os que nos ensinaram, desde crianças,

a louvar-Te a Ti, o nosso Deus e Pai;

a adorar-Te no tabernáculo do Teu Santuário,

nos *modestos sacrários* das nossas igrejas…

Onde Te escondes, Jesus pequenino,

na “Tua humilde casinha” à nossa espera,

para *nos saciar com a flor da farinha*…

E quando – como eles nos ensinavam –

fazíamos ali, a nossa *Comunhão espiritual*:

***«Creio, Jesus, que estás presente e vivo***

***no Santíssimo Sacramento, neste sacrário…***

***Te adoro, Te amo e desejo receber-Te…***

***Mas como não posso fazê-lo agora no sacramento,***

***vem espiritualmente ao meu coração…***

***E como se já Te houvesse recebido,***

***abraço-Te e me uno conTigo;***

***não Te afastes de mim, Jesus;***

***vou-me já de junto do Teu altar,***

***mas agora levo-Te comigo:***

***acompanha-me sempre nos meus recreios,***

***nos meus estudos e nos meus sonos»***.

 [ do Salmo Responsorial / Sl 147 (148) ]